

MEMÓRIAS DOS PRIMÓRDIOS DA BIÓPSIA RENAL E DA EVOLUÇÃO DA NEFROLOGIA



Quando a Dr.ª Fernanda Carvalho iniciou a sua carreira, a Nefrologia portuguesa dava ainda os primeiros passos enquanto especialidade autónoma. A diferenciação era limitada, os serviços eram escassos e muitos dos recursos hoje indispensáveis estavam longe de existir. Ao longo de quatro décadas, a nefrologista, que se aposentou há nove anos, acompanhou de perto a transformação da especialidade, tendo a morfologia renal como fio condutor de um percurso iniciado com o Prof. Adolfo Coelho e a Prof.ª Renée Habib.

 Raquel Oliveira  Rui Santos Jorge

A primeira memória que Fernanda Carvalho tem de um doente renal grave remonta aos anos de 1970, quando frequentava o 4.º ano do curso de Medicina. Ainda recorda bem o que lhe disse o assistente com quem fazia a visita na enfermaria: “É uma doente jovem em uremia terminal. Não podemos fazer nada!” Embora o seu pendor inicial fosse para a Anatomia Patológica, não exclui que aquelas palavras e a vontade de as contrariar tenham contribuído para a sua opção pela Nefrologia. No entanto, em 1979, a maior influência foi do Prof. Adolfo Coelho, então diretor do Serviço de Reanimação do Hospital Curry Cabral (HCC), em Lisboa.

Foi a sua proposta para participar na criação do Laboratório de Morfologia Renal, após seis meses de estágio naquele serviço, que a conduziu à Nefrologia e, com o Prof. Adolfo Coelho, ingressou no mundo da patologia renal. “Todas as manhãs, sentava-me ao seu lado para analisar as biópsias mais recentes e outras do seu acervo, que reunia 400 casos.” As famosas sessões em que aquele nefrologista projetava as lâminas das biópsias que realizava semanalmente eram outros momentos especiais. “Ficava fascinada com o discurso e a discussão gerada naquele gabinete, onde chegavam a estar 25 pessoas”, lembra.

Seguiram-se vários estágios internacionais, o primeiro em 1982, no Hospital Necker, em Paris, com a Prof.ª Renée Habib, “uma sumidade mundial, com um arquivo de dez mil biópsias renais acompanhadas de relatórios e processos clínicos”. Os outros estágios foram em Londres, no Guy’s Hospital, em Barcelona, no Hospital Esperanza, e em Palo Alto, Califórnia, no Stanford Medical Center, onde foi adquirindo conhecimentos em imunofluorescência, biópsia fina por aspiração e biópsia de transplante.

Em 1983, já com novo equipamento, o Laboratório de Morfologia Renal do HCC começou a receber para análise biópsias de todos os Serviços de Nefrologia das zonas Centro e Sul do país, à medida que estes iam sendo criados nos hospitais distritais, a partir de 1980. “O laboratório começou a ser bastante conhecido, tinha grande casuística e era fonte de muitos trabalhos apresentados em congressos. O Prof. Adolfo Coelho era ‘o homem’ das biópsias renais em Portugal, que havia realizado a primeira biópsia dos Hospitais Cívicos de Lisboa ainda em 1962, no Hospital de São José”, conta Fernanda Carvalho.

Esse reconhecimento atraía muitos internos de Nefrologia a fazer o estágio opcional de morfologia renal no HCC. “Por ali passaram centenas de internos, que adoravam a experiência, porque aprendiam a olhar de forma diferente para a interligação da morfologia renal com a clínica.” Para a equipa, “era motivante fazer o relatório da biópsia e enviá-lo”. Perante casos mais difíceis, interessantes ou raros, “o contacto com os colegas dos outros hospitais era regular para confirmar se o diagnóstico estava correto e qual havia sido a evolução”.

Na altura, a realização de biópsia renal não era fácil para os internos. “Tratava-se de um procedimento ‘fechado’, de ‘élite’, inicialmente apenas realizado pelo Prof. Adolfo Coelho e, depois, pelo Dr. Marques da Costa. Todo o cuidado era pouco para evitar complicações”, relata a nefrologista.

REVOLUÇÃO TÉCNICA E FARMACOLÓGICA

O procedimento da biópsia renal evoluiu ao longo do tempo. “No início, a única orientação que tínhamos para introduzir a chamada agulha de Vim-Silverman era a tomografia. Em 1980, deu-se uma viragem e não só a biópsia passou a ser guiada por ecografia, como a agulha passou a ser automatizada, tornando o procedimento mais sereno e seguro”, indica Fernanda Carvalho.

O Laboratório de Morfologia Renal do HCC foi incorporando novas metodologias e acompanhando a realidade internacional. À microscopia óptica, que era a principal ferramenta de diagnóstico, juntaram-se a imunofluorescência, que “permitiu identificar a origem imunológica de muitas doenças”, e a microscopia eletrónica, que “possibilitou caracterizar lesões antes não identificáveis, nomeadamente em doenças hereditárias e glomerulopatias”. Assim, “o pequeno gabinete com um microscópio, para onde iam as lâminas de biópsias processadas no Laboratório Nacional de Medicina Veterinária, colaboração inestimável durante os primeiros anos, transformou-se num laboratório moderno de 50m², totalmente equipado e comparável aos melhores da Europa”.

A partir de 1984, foram-se desenvolvendo outras vertentes de estudo. “A punção aspirativa da gordura abdominal para diagnóstico da amiloidose, em colaboração com o Dr. Pedro Ponce, foi outro dos procedimentos que deram visibilidade ao laboratório”, relata Fernanda Carvalho. Por outro lado, “a biópsia de pele estudada por imunofluorescência para diagnóstico de lúpus e doença de Alport, bem como a execução e o processamento da biópsia óssea não

descalcificada para estudo da osteodistrofia renal, que foi iniciada em 1984, pelo Prof. Aníbal Ferreira, mantêm-se hoje com reconhecimento nacional e internacional". Mais recentemente, em 2016, foi iniciado o estudo do sedimento urinário e dos cálculos renais com os Drs. David Navarro e Nuno Fonseca. "O seu êxito demonstra-se nos cursos anuais realizados com o apoio da SPN", frisa.

A clínica e o laboratório andaram sempre lado a lado, até porque "um diagnóstico cada vez mais preciso tornou-se indispensável, dado que a indicação terapêutica depende, frequentemente, dos dados histológicos identificados na biópsia". A nefrite lúpica e a síndrome hemolítico-urémica atípica (SHUa) "são bons exemplos de como a terapêutica dirigida pode revolucionar o curso da doença".

Segundo Fernanda Carvalho, "o trabalho do laboratório era irrepreensível e realizado por duas técnicas de Anatomia Patológica (Maria João Galvão e Ana Rita Brinca), que dominavam todas as técnicas laboratoriais, colaborando ainda na recolha de dados para o registo de biópsias de todo o país". Em 2012, a Dr.ª Helena Viana integrou a equipa, dedicando grande parte da sua atividade ao laboratório. Em 2016, juntou-se o Dr. Mário Góis e, atualmente, "os dois mantêm, de forma notável, o Laboratório de Morfologia Renal" do HCC.

Até 2017, ano em que Fernanda Carvalho se aposentou, o Serviço de Nefrologia do HCC teve cinco diretores: Prof. Rafael Adolfo Coelho, Dr. Alberto Marques da Costa, Dr. Jaime Moreira, Dr. João Ribeiro Santos e Prof. Fernando Nolasco.

AFIRMAÇÃO DA NEFROLOGIA

Ao longo da carreira, Fernanda Carvalho foi assistindo à progressiva afirmação da Nefrologia após o seu reconhecimento como especialidade médica, desde logo com a disseminação de serviços e centros de diálise por todo o país. "Até aos anos de 1980, muitos doentes renais eram enviados para Espanha, pois a disponibilidade de diálise era muito limitada em Portugal. Quem não pudesse fazer essa deslocação acabava por morrer. O regresso dessas largas centenas de doentes, possibilitado pela transformação política e técnica, foi uma revolução imensa", recorda a nefrologista. E acrescenta: "Nessa fase de abertura generalizada das clínicas convencionadas, era necessário eleger os doentes que mais poderiam beneficiar da hemodiálise. Hoje, este tratamento é generalizado."

Ao nível farmacológico, a nefrologista destaca ainda que "a eritropoietina veio melhorar o drama da anemia, diminuindo, significativamente, a necessidade de transfusões sanguíneas". Já os medicamentos para controlar o metabolismo fosfocálcico "vieram prevenir e melhorar o panorama da osteodistrofia renal".

O início da transplantação renal em Portugal foi outro momento de viragem testemunhado por Fernanda Carvalho. No HCC, o programa de transplante renal arrancou em 1989, com o Dr. João Rodrigues Pena, cirurgião, e os Drs. Alberto Marques da Costa e Francisco Ribeiro, nefrologistas, passando-se a realizar biópsia renal também nesse contexto. "Estávamos no tempo da ciclosporina e do micofenolato de mofetil, que melhoraram a sobrevida do rim transplantado. Atualmente, Portugal está nos lugares cimeiros do panorama europeu e mundial em volume, qualidade dos cuidados e manutenção dos rins transplantados", realça.

Apesar dos avanços significativos registados nos últimos 40 anos, Fernanda Carvalho considera que "a interligação da Nefrologia com os cuidados de saúde primários é ainda uma carência a ultrapassar para evoluir nos domínios do conhecimento, do tratamento e, sobretudo, da prevenção das doenças renais". Outro aspeto que destaca são os cuidados paliativos para os doentes renais crónicos avançados, que "têm vindo a ser implementados". ■

Mais fotografias, vídeos da entrevista e documentos históricos fornecidos pela Dr.ª Fernanda Carvalho



PARTICIPAÇÃO NOS ÓRGÃOS DIRIGENTES DA SPN

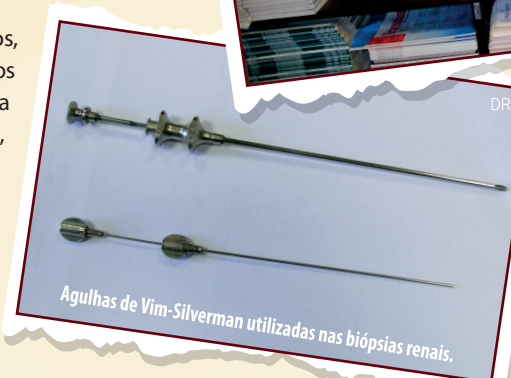


Fernanda Carvalho reconhece a importância da Sociedade Portuguesa de Nefrologia (SPN) enquanto entidade que "congrega os serviços e promove a formação e a atividade científica". Nos triénios 2009-2012 e 2012-2015, foi vice-presidente da SPN e, no triénio 2013-2015, foi presidente da Comissão Científica, recordando, como principais iniciativas, o estímulo da atividade científica através da atribuição de prémios e o incentivo à formação com o aumento do número de bolsas de curta duração. Também se reforçou o conhecimento da população sobre as doenças renais, aproveitando o Dia Mundial do Rim e outras oportunidades de sensibilização. O reforço da ligação com a Medicina Geral e Familiar, através de cursos e deslocações a centros de saúde, foi outro marco do período em que a nefrologista pertenceu aos órgãos dirigentes da SPN.

DOS ANOS DE 1970



Primeiro microscópio Nikon usado no Serviço de Reanimação do Hospital Curry Cabral e projetor de lâminas.



Aguilhas de Vim-Silverman utilizadas nas biópsias renais.



Arquivo de 400 lâminas do Prof. Adolfo Coelho.

SABIA QUE...

...o Gabinete de Registo de Biópsias Renais da SPN nasceu em 2007, no Hospital Curry Cabral (HCC)?

No final dos anos de 1990 e na primeira década de 2000, os registos nacionais de biópsias renais foram surgindo na Europa, dando uma panorâmica da distribuição das doenças renais nos diferentes países. O registo português foi iniciado em 2007, no Serviço de Nefrologia do HCC, e continua até hoje, com os seus dados a serem apresentados anualmente, no Encontro Renal.

Até 2015, a recolha e o processamento dos dados nacionais foram feitos pelo Laboratório de Morfologia Renal do HCC, transitando depois para a SPN. Após a aposentação de Fernanda Carvalho, em 2017, a coordenação do Registo de Biópsias Renais foi assumida pela Dr.ª Helena Viana e, depois, pelo Dr. Mário Góis. "No primeiro ano, 2007, registámos 300 biópsias renais; os dados mais recentes, de 2024, indicam cerca de 1000 biópsias realizadas em Portugal", compara Fernanda Carvalho, com orgulho.